



AS NARRATIVAS DA FLORESTA E OS PADRÕES IMPERIALISTAS DE SILENCIAMENTO CULTURAL¹

Geraldo Castro Cotinguiba

Instituto Federal de Rondônia (IFRO)

Email: geraldo.cotinguiba@ifro.edu.br

Analton Alves

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: dasilva3001@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir e analisar como se produz um silenciamento cultural a partir de uma reflexão sobre um aspecto da narrativa de Thomas Whiffen, presente em sua obra *O Noroeste Amazônico* (2019). Para esta discussão e análise recorreremos às obras de Edward Said, *Orientalismo* (1996) e *Cultura e Imperialismo* (1993). Assim, este trabalho apresenta e discute aspectos das narrativas nativas indígenas feitas por Whiffen em sua obra. Originalmente publicada em 1915, a obra de Whiffen que utilizamos nesta análise é a sua primeira tradução para o português brasileiro, na qual o tradutor procurou conservar o valor cultural da região amazônica e realizou com base em pesquisa teórica sobre o autor e etnográfica dos lugares e povos narrados. No diálogo teórico e analítico que estabelecemos entre Said e a obra analisada, identificamos a presença da escola imperialista de narradores, contistas, cronistas e outras categorias de escritores viajantes, clássicos narradores que revelam um mundo novo, absurdo e lendário aos olhos de uma Europa centrada na conquista, domínio e controle colonial. Como resultado, nossa análise identificou um processo que denominamos duplo silenciamento cultural, por meio do qual o narrador silencia aspectos da cultura de quem é narrado e, ao mesmo tempo, silencia aspectos de sua própria cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Silenciamento Cultural. Narrativas. Imperialismo. Amazônia.

ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss and analyze how cultural silencing occurs from a reflecting on an aspect of Thomas Whiffen's narrative, present in his work *The North-West Amazons* (2019). For this discussion and analysis, we used the works of Edward Said, *Orientalism* (1996), and *Culture and Imperialism* (1993). Thus, this work presents and

¹ Este artigo é resultado de discussões sobre os conteúdos da disciplina Narrativas, Fronteiras e Migrações, ministrada no Programa de Mestrado Acadêmico em Estudos Literários (MEL) da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

discusses aspects of the native indigenous narratives made by Whiffen in his work. Originally published in 1915, Whiffen's work which we use in this analysis is its first translation into Brazilian Portuguese, in which the translator sought to conserve the cultural value of the Amazon region and carried out based on theoretical research on the author and ethnographic of the places and narrated peoples. In the theoretical and analytical dialogue that we established between Said and the analyzed work, we identified the presence of the imperialist school of narrators, storytellers, chroniclers and other categories of traveling writers, classic narrators who reveal a new, absurd and legendary world in the eyes of a centered Europe in colonial conquest, dominance and control. As a result, our analysis identified a process that we call double cultural silencing, through which the narrator silences aspects of the narrator's culture and, at the same time, silences aspects of his own culture.

KEYWORDS: Cultural Silencing. Narratives. Imperialism. Amazon.

INTRODUÇÃO

Antes mesmo de adentrarmos na selva de significados que compõe o escopo deste trabalho, localizado entre os capítulos da obra *O Noroeste Amazônico* (WHIFFEN, 2019), na recente tradução de Hélio Rocha, é preciso resolvermos uma questão que antecede a discussão propriamente dita. Vamos precisar desvelar os conceitos de *Orientalismo* e *Imperialismo* (SAID, 1996, 1993)² e seus fluxos de sentidos, esclarecermos as incongruências de ambos, suas divergências e similitudes possíveis. Posto que estas são terminologias de adequações contemporâneas, achamos por bem focalizarmos os pontos de debates dentro das discussões de um dos autores mais solicitados nas últimas décadas. Para este último autor, em seu trabalho que trouxe um primeiro momento de investigações sobre o *Orientalismo*, suscita o que veio a ser denominado de *Imperialismo*.

Debater esses conceitos nos ajuda encontrar melhores possibilidades de análise a partir da leitura de um dos capítulos de *O Noroeste Amazônico* (o XVIII)³, como no trecho que segue em que Thomas Whiffen se deixa revelar como um legítimo e fiel representante do imperialismo inglês ao anunciar a região do indígena amazônida como uma “escuridão de um

² A partir deste parágrafo evitaremos as repetições de citação do ano das obras de T. Whiffen e E. Said quando fizermos menção a *Noroeste amazônico* e também *Imperialismo* e *Orientalismo* (manteremos em itálico), exceto quando citarmos trechos entre aspas. Assim, faremos menção a Whiffen ou a Said, da mesma forma e indicaremos o ano da obra quando desejarmos ser mais específicos.

³ Centramos nossa análise nesse capítulo, contudo, os comentários da nossa análise se estendem à obra como um todo. Em seu conjunto, a obra mantém uma regularidade discursiva em sua narrativa, a qual tratamos, mais adiante, com uma prática de silenciamento cultural.

eterno submundo de árvores” (WHIFFEN, p. 341), dentre outras impressões. Essas e outras considerações do viajante lhes são peculiares e comportam elementos inerentes às visões de escritores orientalistas e imperialistas da época. Portanto, tomamos os conceitos de orientalismo e imperialismo nesta análise como uma alternativa coerente, ao passo que, tecnicamente, este é o teórico que mais adentrou em assuntos que dizem respeito às visões sobre as produções remontadas no ápice do domínio da Inglaterra sobre a relação dialética entre periferias do mundo imperializado e a Europa imperialista.

Said não é o único a discutir essa temática, contudo, está entre os autores que melhor a estratifica e desmancha suas sombras de fumaça. Para uma temática tão complexa, é mesmo preciso trazer à clareza discursiva todos os imbróglios dessa tendência, numa luta quase épica, que transpõe toda uma corrente de pensamento arregimentada para desconstruir a paradoxal posição europeia de recriar as regiões periféricas do mundo sobre o poderio literário de uma época. A partir dos conceitos de *Orientalismo* e *Imperialismo*, o teórico põe-se em ofensiva, de uma maneira particular, expondo os pormenores de um assunto que aos pouco vai-se firmando através de um discurso de resistência. Sua análise recai sobre as produções literárias do último século, bem como em obras postuladas entre os grandes e mais representativos modelos estéticos.

Os pressupostos imperialistas, mais propriamente as diretrizes e interesses da Inglaterra sobre suas colônias situadas na periferia da Europa, lavram aspectos dessa dimensão que foi a força de representação de seu mecanismo de controle e domínio. O poderio anglicano não se fez apenas pelas forças de suas armas e maquinarias. A produção do pensamento, por meio de uma estruturada e orquestrada escola de escritores, é talvez o ponto mais dinâmico dessa escuderia que forjou seus escudos e pontas de lanças em narrativas de viagens, romances, contos e uma infinidade de produtos histórico-literários principalmente nas décadas finais do século XIX.

O poder de narrar, ou de impedir que se formem outras narrativas, é muito importante para a cultura e o imperialismo, e constitui uma das principais conexões entre ambos. A pessoa lê Dante ou Shakespeare para acompanhar o melhor do pensamento e do saber, e também para ver a si mesma, a seu povo, sua sociedade, suas tradições sob as melhores luzes. (SAID, 1993, p. 5).

Não é difícil enxergar a direção apontada pelo debate de Said. A construção do Oriente, pelo Ocidente, no pano de fundo das lutas territoriais das grandes potências mundiais, soa como uma aperfeiçoada instituição geradora de realidades. Um empreendimento de suporte das inserções de poder e de políticas, através de contenções, negações e apagamentos dos elementos e valores socioculturais das colônias sob seus domínios.

Eis o porquê de utilizar sua metodologia e seus conceitos para as considerações da obra de Thomas Whiffen, *O Noroeste Amazônico*, mais precisamente os relatos do capítulo XVIII. Ele, um enviado do governo britânico para assessorar os trabalhos de comunicação junto às extrações de borracha na Amazônia peruana, compõe um emaranhado de fatos, acontecimentos e narrativas lendárias para apresentar ao público europeu os principais aspectos dessa região tida como inóspita e selvagem. A postura narrativa de Whiffen nos apresenta esse defensor imperialista que produz um discurso da verdade do dominador sobre o dominado. Em cada tópico descrito pelo assessor inglês, as marcas dessa visão impregnada de intencionalidade, vestígios dos mecanismos de controle da propositura imperial e as evidências da existência de um aparato ideológico para a modificação das realidades dessas periferias europeias.

Para onde quer que fosse levada a mensagem do império inglês, o pressuposto da orquestração simbólica daquela nação faria estabelecer, através da disseminação de seus ideais e modelos, uma nova ordem como parâmetro das novas verdades. Whiffen, como centenas de outros escritores que integravam aquela caravana imperialista, cumpriu o seu papel dentro de uma Amazônia povoada, segundo os seus escritos, por seres exóticos interiorizados numa região obscura no submundo da selvageria.

Em todas as raças selvagens, povos de cultura inferior, não há diferenciação de indivíduo para indivíduo, ou seja, todos os membros da raça ou do grupo estão, aproximadamente, em mesmo nível. Isto é o que conhecemos como “baixo estado de civilização”. (WHIFFEN, p. 363).

O julgamento de Whiffen estava totalmente impregnado dos preconceitos de seu tempo.

Assim, a Antiguidade confundia tudo o que não participava da cultura grega (depois greco-romana) sob o mesmo nome de bárbaro; a civilização ocidental em seguida utilizou o termo selvagem no mesmo sentido (Lévi-Strauss, 1970, p. 236).

Uma visão ainda presa aos pressupostos da escola evolucionista⁴ que “os historiadores filósofos escoceses como Ferguson, Adam Smith e John Millar constuíram entre eles uma teoria do desenvolvimento da humanidade em estágios” (MERQUIOR, 2014, p. 81) e essa visão atingiu seu ápice com George Frazer e Edward B. Tylor (CASTRO, 2005). Sobre este aspecto, vale reforçar a crítica tecida em *História da Amazônia* (SOUZA, 2009, p. 14) em que a presença do historiador tendencioso é apontada como empecilho dessa busca pelo resgate da memória historiográfica. Segundo o teórico, a escolha dos fatos não pode estar condicionada aos comrinhos do narrador, posto ainda que se trata de uma Amazônia repleta de protagonistas e de tamanha diversidade de atores. Além disso, as leituras sobre região amazônica são narrativas, ou, para usar o termo de Neide Gondim (2007), uma “invenção”.

O texto que vamos discutir pertence a um momento histórico muito particular que está em ressonância com todas as outras regiões do planeta. Em toda a Terra, dividida geograficamente pelas potências econômicas e belicistas que controlavam os movimentos humanos e de outras espécies, havia um centro do universo, a Europa imperialista. Dali, saíam as normas, regras e ordens destinadas, principalmente, às regiões periféricas compostas por colônias das grandes potências. A Amazônia, com suas riquezas naturais, também era palco desse cenário da exploração. Aquele momento era de conflitos políticos e disputas territoriais com germinação da I Guerra Mundial. A extração da borracha estava em alta e foi assim que os ingleses se estabeleceram nessa parte da América com suas empresas de extrações. Whiffen estava ali para destinar aquela produção e narrar os cenários que avistasse, de acordo com os parâmetros imperialistas.

1 DO ORIENTALISMO AO IMPERIALISMO

⁴ Vale ressaltar que a teoria do evolucionismo biológico foi empregada pela sociologia, em menor intensidade e pela antropologia, com mais intensidade, como os já referidos Tylor e Frazer, na Inglaterra e Henry L. Morgan (1973), nos Estados Unidos além da vertente francesa que foi criticada pelo antropólogo haitiano Joseph-Anténor Firmin (1885).

Quando publicou *Orientalismo*, no ano de 1973, Edward Said, possivelmente, não tinha noção de que a abertura de um novo debate acerca do assunto seria necessária. Cinco anos depois, em 1978, ele mesmo afirma na introdução do livro *Cultura e Imperialismo*, deu início a uma catalogação de ideias que ficaram inaproveitáveis quando da elaboração da primeira obra. Eram assuntos, tópicos e pensamentos acerca de uma relação estrita entre cultura e império que viriam compor uma série de conferências e cursos ministrados em universidades dos Estados Unidos, Canadá e Inglaterra durante os anos de 1985 e 1986.

Se em *Orientalismo* o autor concebeu a relação de domínio das grandes nações controladoras pelo viés de um sofisticado empreendimento gerador de material simbólico, em *Cultura e Imperialismo* ele foi mais a fundo. Deu continuidade à primeira parte de sua análise, abrindo um leque ampliado do entendimento que tinha sobre o poder das grandes potências mundiais. Said vai contemplar, neste segundo momento, as regiões delimitadas como África, Índia, Extremo Oriente, Austrália e Caribe por intermédio de textos de origem europeia. O autor nos mostra como a mesma estratégia imperialista é aplicada em todas as partes do mundo subjogado, os mesmos mecanismos, com o intuito de promover uma ocidentalização numa necessária humanização daquele ambiente visto como primitivo. Essa postura imperial, segundo Said, da chegada do chamado homem branco às colônias, não se deu de forma pacífica. Houve resistência, um assunto não abordado quando da publicação de *Orientalismo*. Portanto, *Cultura e Imperialismo* está mais denso e abrangente no aspecto da constituição desse conhecimento acerca da extensão do poderio das grandes nações sobre as regiões periféricas do planeta.

O que há de marcante nesses discursos são as figuras retóricas que encontramos constantemente em suas descrições do “Oriente misterioso”, os estereótipos sobre “o espírito africano” (ou indiano, irlandês, jamaicano, chinês), as ideias de levar a civilização a povos bárbaros ou primitivos, a noção incomodamente familiar de que se fazia necessário o açoitamento, a morte ou um longo castigo quando “eles” se comportavam mal ou se rebelavam, porque em geral o que “eles” melhor entendiam era a força ou a violência; “eles” não eram como “nós”, e por isso deviam ser dominados. (SAID, 1993, p.3).

Compreendendo seu debate sobre o *Orientalismo e Imperialismo* como a continuidade de um debate de resistência focado no movimento de descolonização do então chamado

Terceiro Mundo, é preciso apreender o discurso de Said dentro de seus parâmetros metodológicos. Em sua obra, ele atinge esses conceitos desvelando tudo o que há dentro e por detrás dessa escola que forjou todo o pensamento de uma época negando as realidades coloniais e afirmando uma desconstrução simbólica em nome de um resgate civilizatório. Dentre os apontamentos do teórico, podemos destacar o instante em que posiciona o romance como uma das ferramentas mais eficazes para a formação de atitudes, referências e experiências imperiais. Assim ele o considera como um dos objetos estéticos capazes de fazer pontes, abrir ligações, com “as sociedades em expansão da Inglaterra e França”. (SAID, 1993, p. 4). Não é exagero dizer que Whiffen faz basicamente esse mesmo jogo com sua narrativa sobre os povos indígenas da parte amazônica por onde ele passou e esteve em contato.

Para Said, muita coisa do que compreende o arsenal cultural e político imperial, em oposição aos blocos colonizados, deve ser detectado no interior das narrativas produzidas pelos exploradores e romancistas que estiveram a serviço dessa indústria de produzir verdades históricas. Obras de grandes autores, tais como Shakespeare, Dante, Dickens, Thackeray, Graham Greene, Flaubert, dentre outros, levaram para o mundo as realidades mais diversas sob as tendências que marcaram aquele instante histórico. No entanto, conduziram por meio de informações, as tradições de sociedades, povos, sob as melhores luzes possíveis. Muito disso foi disseminado de um lugar a outro e, no caso da produção do *Orientalismo*, escondendo alguns elementos e criando outros na intenção de dar voz exclusiva ao que determinava o império.

Tanto o Oriente Médio, com suas monstruosidades épicas, como as outras periferias do mundo dos nativos, com suas dimensões escatológicas, são conceitos criados a partir de uma visão europeia em que a voz de seus próprios interesses ecoa contra um mundo em submissão. Um índio que habita uma floresta recheada de elementos exóticos, como narra Whiffen, subtraindo o próprio perigo na presença de seus deuses malignos, é um não-civilizado que somente pode ser salvo pelos braços e sapiência imperial. E essa seria a única forma de transportá-lo para um lugar mais condicionável à vida em sociedade. Uma sociedade nos ditames dessas nações dominadoras que sabem o que é melhor para todas essas periferias.

No que tange à constituição desse empreendimento denominado *Orientalismo*, a divisão apresentada por Said de três possibilidades de sentidos para o tema, é sem dúvida a melhor maneira de compreendê-lo em suas entrelinhas. De acordo com o próprio autor, a

melhor definição para essa questão é a designação acadêmica, ainda utilizada e aceita em algumas instituições de ensino em áreas tais como a antropologia, sociologia, história ou mesmo a filologia. Apesar de sentir que a preferência por esses estudos tem sofrido baixa considerável, em todos os ramos e áreas acadêmicas, ele diz que ainda há muitos trabalhos apresentados em congressos como propostas de discussões sobre o *Orientalismo*.

Uma segunda definição da questão oriental, apresentada por Said, diz respeito a uma abordagem mais geral do tema. Ele nos apresenta um *Orientalismo* como um estilo de pensamento baseado em distinções dos dois lados dessa mesma moeda, Oriente e Ocidente. E essa distinção seria epistemológica e ontológica, produzida por uma massa de escritores dos campos da poesia, romance, filosofia, teorias políticas, economia e administração com o objetivo de narrar os costumes, dinâmicas, destinos e outros aspectos do Oriente.

Uma terceira possibilidade para os sentidos do termo *Orientalismo*, segundo Said, está relacionada ao comércio estabelecido, possivelmente regulado e disciplinado, entre essas duas extremidades simbólicas desde o final do século XVIII. Quando o autor compara aos dois outros sentidos anteriores, ele se diz convencido de que este último pode ser definido como algo mais material e histórico. Aquilo que se disse sobre o Oriente foi realizado dentro de um plano de intercâmbio entre o fazer acadêmico e algo mais imaginativo. E é assim que Said entende o *Orientalismo*, como um discurso sistematizado em disciplina e com autoridade impositiva estabelecida. Esse foi o caminho encontrado pela cultura europeia para produzir e administrar o Oriente política, sociológica, ideológica, científica e imaginativamente durante o período pós-iluminismo (SAID, 1996, p.15).

É interessante observar que os principais aspectos tratados por Said em *Orientalismo* são reforçados em *Cultura e Imperialismo*, principalmente no que se refere às condições das narrativas. Ele ajusta seu ponto de vista, seus conceitos e suas ofensivas gesticulando que o *Imperialismo* se fortalece dentro desse poder de controlar tudo o que é dito enquanto categoria de pensamento. Ou seja, narrar é um poder e quem o realiza detém o controle sobre o surgimento das novas narrativas.

A Austrália foi fundada como colônia penal no final do século XVIII, principalmente para que a Inglaterra pudesse deportar um excedente populacional indesejado e irredimível de criminosos para um lugar, originalmente mapeado pelo capitão Cook, que também funcionasse como

colônia substituindo aquelas que haviam sido perdidas na América. (SAID, 1993, p.7)

Essa perspectiva de Said é em relação às produções ficcionais que ganharam notoriedade no final do século XVIII e revelam histórias de especulações sobre a Austrália e suas experiências como colônia branca. Dentre os autores, destaque para Magwitch e Dickens que, além de terem vivenciado o momento histórico da Inglaterra em seus territórios ultramarinos, também desposaram robustos romances que valem como referências desse contexto. De certa forma, a Austrália compunha um arsenal sugestivo para as produções literárias, despertando o interesse dos principais autores em função de sua vocação para resistência aos ditames imperiais. A Austrália moderna tinha seu sistema livre e rentável, cortando laços de dependência com o império anglicano. Anteriormente ali, como bem cita Said de um romance de Carter, exploradores, degredados, etnógrafos, aventureiros em busca de lucro. Esse é mais um ponto que o autor aborda, de forma magistral, em *Cultura e Imperialismo*, e que não está presente em *Orientalismo*.

O que se denota é do detalhamento das posições de Said é que viajantes como Whiffen pertencem a esta categoria de narradores formados dentro dessa escola que se apresenta com as insígnias do imperialismo inglês. E por mais que sua intenção não tenha sido a de forjar uma Amazônia alheia aos olhos de um Ocidente colonizador, ele não pôde negar a finalidade para a qual fora designado. Certamente, o viajante de Putumayo só poderia enxergar a Amazônia que conheceu antes de visitá-la, através dos narradores, a que ele tivera acesso ao se instruir para fazer tal viagem, isto, uma narrativa.

2 O NOROESTE AMAZÔNICO: DO MATERIAL DA ANÁLISE AO SILENCIAMENTO CULTURAL⁵

A viagem do inglês Thomas Whiffen à fronteira do Brasil com a Colômbia, no distrito de Putumayo, é apresentada em livro como um apanhado de registros que, segundo o próprio viajante, referem-se a apenas alguns meses em que passou na região. Dividido em vinte (20)

⁵ Denominamos conceitualmente por silenciamento cultural a prática discursiva que tem como estratégia classificar e descrever depreciativamente pessoas ou grupos culturalmente diferentes. Neste texto apresentamos e discutimos o silenciamento cultural em sua dupla característica. Por um lado silencia-se os povos que são descritos, ou melhor, narrados e, ao mesmo tempo, silencia-se também a brutalidade imperialista do colonizador explorador.

capítulos, o material é um condensado de anotações que o autor registrara de pelo menos dois povos indígenas, os *Bora* e os *Uitoto*, e que ele denominou de maneira generalizante como um estudo sobre os modos de vida, práticas culturais diversas, tais como organização tribal, relação social de mulheres, comida, agricultura, danças, religião, crenças, armamento, guerra, dentre outros aspectos. O conjunto de anotações de Whiffen ganhou forma e foi apresentado em formato de livro, publicado originalmente em inglês pela *Constable and Company*, de Londres, no ano de 1915, com o título *The Nort-West Amazon: notes of some months spent among cannibal tribes*. Esta obra recebeu, finalmente, sua tradução de uma maneira contextualizada, com um vocabulário mais próximo possível do sentido antropológico da região amazônica.

A tradução para a língua portuguesa somente foi feita cem anos após a primeira edição, no Brasil, pelo Dr. Hélio Rocha⁶, com o título *O Noroeste Amazônico: notas de alguns meses que passei entre tribos canibais*. A tradução traz uma introdução crítica do antropólogo colombiano Juan Alvaro Echeverri, professor da Universidade Nacional da Colômbia, que também assessorou a revisão da obra na companhia da linguista Mariana Bolfarine, doutora pela Universidade de São Paulo (USP).

A introdução da obra, desenvolvida pelo antropólogo Juan Echeverri (2019), já nos dá um indicativo daquilo que vamos encontrar no interior desse material carregado de intenções, sugestões e marcações sobre os povos indígenas da Amazônia. São as verdades forjadas pelo império inglês que chegam pelas narrativas do viajante Thomas Whiffen estabelecendo a tonalidade de uma cultura à maneira e visão europeia. É importante verificar um fato que se apresenta já nas primeiras linhas da abordagem de Echeverri sobre a conduta de Whiffen. De acordo com este antropólogo colombiano – que assina a apresentação do livro –, são inúmeros os estudos desenvolvidos sobre essa região que mostram um capítulo sombrio, do período de

⁶ Professor do Departamento de Letras Estrangeiras (Inglês) da Universidade Federal de Rondônia. Por meio de conversas que tivemos com o professor Rocha, foi-nos informado que para esta tradução foi necessário uma exaustiva pesquisa bibliográfica e de teoria antropológica, realização de pesquisa de campo (etnografia itinerante) no Brasil e na Colômbia, de modo que percorreu estradas e rios e visitou as localidades onde Whiffen esteve, especialmente entre os povos citados no trabalho. Em resumo, o professor Rocha realizou uma tradução cultural da obra e buscou oferecer aos/às leitores/as termos fiéis para nomes de lugares, animais, plantas etc. “Diante de tudo isso, nosso trabalho se pautou – na medida do possível – numa tradução cultural condizente com o mundo amazônico indígena (ROCHA, 2019, p. 59).

1900 a 1911, com o cometimento de muita crueldade entre torturas, decapitações e outras formas de assassinatos contra os povos indígenas (ECHEVERRI, 2019).

Esses acontecimentos não foram mencionados quando da publicação do livro no ano de 1915 e, vale considerar que todos esses fatos já eram muito conhecidos naquele momento. As considerações dessas informações são relevantes posto que, o que se quer retratar mais fielmente é a presença do próprio império inglês através de seus tentáculos. Os motivos que levaram Whiffen a desconsiderar, a manter o silenciamento cultural, todo um emaranhado de acontecimentos que pesam sobre os ombros do empreendimento inglês responsável pela extração da borracha naquela região ainda são objeto de interesse e especulação. Apesar disso, há fortes argumentos na sustentação dessa verdade improvável. Segundo o antropólogo Echeverri, o fundador e gerente da casa de borracha que empreendia aqueles trabalhos, identificado como Arana, pode ter feito um acordo com Whiffen, considerando que era um dos financiadores de sua estadia no local.

Também é preciso considerar as justificativas de Whiffen para o silenciamento cultural deixado sobre os acontecimentos e atrocidades da empresa de extração da borracha. Ao apresentar sua obra, o viajante esclarece que seus relatos tratam de estudos sobre aspectos regionais hidrográficos, vegetações, fauna, clima, cultura material, costumes, sistema social e cerimonial. Porém, isso não o redime do aspecto parcial de sua obra no que tange ao tipo de avaliação feita sobre o comportamento dos povos indígenas. É um problema de conteúdo e de forma. Há trechos de seu livro em que estes povos são descritos pela ferocidade, crueldade e comportamento perverso. Ao final da apresentação, Echeverri faz ressalva a algumas informações que vieram à tona por ocasião de investigação da *Foreign Office (Oficina de Relações Exteriores)*, da Gran Bretanha. Neste material, outro lado da história não contado, a princípio, por Whiffen e, desta vez, evidenciando as atrocidades e violência cometidas contra os indígenas pelo empreendimento de extração da borracha. Esses relatos teriam sido atribuídos a John Brown, o contratado de Whiffen para os trabalhos de guia durante sua estadia na Amazônia. John Brown é o sujeito que deve ser levado em consideração, pois é considerado como um “coautor del libro” (ECHIVERRI, 2019, p. 32).

Se a obra do viajante Thomas Whiffen pode ser considerada despreziosa de certas intencionalidades, levando-se em conta o direcionamento vertical das informações sobre a região e seus povos indígenas, este é um aspecto de menor relevância. Porém, quando observada do ponto de vista das relações imperiais junto aos seus enviados a essas regiões dominadas, é fácil percebê-la como parte integrante das estratégias de produções imperialistas. Tanto na descrição do ambiente nativo, comportamento de algumas tribos tidas como canibais⁷, como na própria abordagem das questões de cunho cultural, o viajante narrador deixa-se revelar exagerado em sua parcialidade. Ao avaliar a postura de Whiffen, a partir do ponto de vista do antropólogo Echeverri na apresentação da obra, é possível compreendê-lo em seu compromisso com o empreendimento inglês. Ele não poderia se esquivar de deixar transparecer o ambiente inóspito daquela região. Afinal, fora contratado para esta causa e finalidade, administrar e narrar. E apesar disso, os estudos posteriores comprovaram as lacunas narrativas deixadas em seu percurso e as falhas grosseiras de seus intitulados estudos. Ainda assim, não seria possível julgá-lo, de todo, alheio às intenções, propriamente ditas, desse sistema imperial dotado de uma refinada máquina de criar e subjugar realidades em prol de seus interesses e domínios.

3 O NARRADOR, SUA VISÃO DA FLORESTA E O SILENCIAMENTO

O Capítulo XVIII da obra de Thomas Whiffen pode ser definido como o espaço da subjetividade nativa em que o viajante apresenta as narrativas orais que formam o arcabouço do imaginário indígena daquelas tribos. Ali, como tópicos referenciais da tradução, histórias de animais e suas características, da tribo, das amazonas, tradições do dilúvio e outros temas explorados pelo narrador. Esses aspectos, de certa forma, compõem uma rede de elementos que vão dar luz à ordem, na opinião do próprio viajante, de um mundo submerso na escuridão da floresta temida mesmo pelos próprios nativos. Uma escuridão cheia de horrores

⁷ No próprio subtítulo da obra consta a palavra *canibal*. É preciso fazer uma ressalva e dizer que, antropologicamente, há uma diferença entre *canibal* e *antropófago*. O segundo está associado a questões ritualísticas e deve ser relativizado para ser compreendido dentro de um contexto cultural, enquanto o primeiro é de cunho sociológico e deveria ser empregado em termos de situações de fome extrema ou, então, a alguma patologia, mais no âmbito da psicologia. No caso dos povos da obra de Whiffen a prática deve ser compreendida em termos antropológicos, portanto, como antropófagos.

misteriosos tão infundáveis quanto as noites cheias de demônios imaginários. (WHIFFEN, p. 341).

Todas essas representações etnográficas sobre os Bora e os Uitoto confirmam a visão primitivista a qual Whiffen estava, praticamente, engessado, repetindo, inúmeras vezes, construções discursivas estereotipadas que fazem parte do olhar antropológico de seus predecessores. Não é sem motivo que ele usa inúmeras outras narrativas de viagem para confirmar ou, de quando em vez, refutar algumas afirmativas sobre os nativos. (ROCHA e COQUEIRO, 2019, p. 155).

Tudo aquilo que é dito neste capítulo da obra de Whiffen nos parece estar destinado a um leitor ansioso por esse espetáculo fabuloso das terras distantes. A floresta, os obstáculos, os monstros e criaturas aterrorizadoras, e ainda outras ordens de seres malignos citados, se não foram inventados pela imaginação fantasiosa do viajante, pelo menos são descrições que na sua forma de narrar potencializam em circunstanciais aparências simbólicas.

Ali, à luz bruxuleante do fogo, depois que o conteúdo da panela da família foi discutido, longas histórias são contadas. As crianças têm muito medo do escuro. Os adultos não são tão francos com relação aos seus medos, mas como de costume, todas as tarefas cessam quando o sol se põe, e todos se abrigam no calor da maloca. (WHIFFEN, p.342)

O viajante parece tudo entender daquela realidade que o cerca, comportando-se como um dos narradores da tipologia de Friedman, o primeiro de sua categoria, onisciente intruso. É como se ele fosse capaz de ir além dos limites do tempo e do espaço, narrando os acontecimentos de dentro deles com suas próprias palavras, pensamentos, percepções em predominância de suas opiniões a respeito do comportamento dos fatos. Longe mesmo de ser um Tolstoi ou Tom Jones, Whiffen narra como se tudo soubesse daquele ambiente e pode mesmo saber das emoções das personagens que vai descrevendo. Apesar de em alguns momentos parecer contar apenas o que já lhes fora contado, posiciona-se em mãos de um jogo discursivo para ganhar mais fidelidade do leitor. Na citação anterior, por exemplo, ele descreve a intimidade de um contador de histórias e faz referência à sua falta de franqueza com relação ao medo. Interessante observar também a destreza de Whiffen e sua escola de procedência enquanto narrador, pois vale considerar que esse é um tipo literário bastante utilizado durante o século XVIII e ainda no século XIX, saindo de moda a partir da metade do século XX (LEITE, 2000 p. 29).

Esse aspecto nos leva a considerar a presença de Whiffen neste cenário não apenas como um mero apanhador de relatos e selecionador de tópicos mas, muito mais que isso, uma espécie de especialista contratado para dar voz às intenções do próprio estado de poder imperial, ao mesmo tempo, um narrador e um silenciador. O viajante estava ali para descrever tudo aquilo. E, descrever a partir da dinâmica de uma escola tradicional, eficiente e com respaldo acadêmico que já havia provado sua qualidade em diversos outros momentos da história, até mesmo anterior às viagens ultramarinas. Uma descrição que cria uma narrativa de cunho antropológico.

Apesar desse aparato técnico e conhecimento das condições de uma narrativa coerente, o que Whiffen não pode deixar de revelar foi a sua identidade estrangeira e alguns rastros de seu preconceito⁸ quanto à cultura indígena da região visitada. Há momentos em que é simples a sua condição de porta-voz dos nativos, mas há outros em que o poder de avaliar e julgar, entre certo e errado, bom ou ruim, lhes transparece com muita tenacidade. Exemplo disso é quando ele cita que apenas tentou reunir os vários detalhes da história local e da crença, da forma mais concisa do que qualquer indígena narrador jamais sonharia fazer (WHIFFEN, p. 342). O seu desconhecimento da performance linguística do nativo, ou até mesmo a sua má intenção (ou seria silenciamento intencional?), interferindo sobre o narrado as suas inserções opinativas, dão margem a duas condições: ou há muita ignorância quanto à língua do indígena, ou, as intencionalidades imperiais estão por detrás de tudo aquilo que fora construído enquanto narrativa.

A poesia indígena é uma forma de romantismo às avessas. Em vez de procurar dar uma expressão rítmica a uma idealização, encontrar nas belezas da natureza uma analogia às realidades da vida, o processo se inverte. Por exemplo, o indígena vê uma fruta madura e isso lhe sugere tão somente uma mulher grávida. Não há canções de amor entre os indígenas, pois a concepção de amor não existe. (WHIFFEN, p.307).

⁸ E não se trata aqui de uma questão de anacronismo analítico, uma vez que não podia ser um desconhecedor de teorias sociais de seu tempo. A antropologia britânica, mesmo evolucionista, por exemplo, já havia estabelecido o conceito científico de cultura desde a penúltima década do século XIX com E. B. Tylor (TYLOR, 1920; COTINGUIBA, PIMENTEL-COTINGUIBA e RIBEIRO, 2015).

Se não há demérito em ser estrangeiro naquelas terras amazônicas, o fato de não poder olhar aquelas condições de vida, suas estratégias de resistência e a tradição oral cercada de mistérios, há pelo menos um distanciamento que impossibilita a imparcialidade crítica no que diz respeito ao poder de recriação das narrativas elencadas e relatadas pelo viajante. A sua destacada boa intenção em conduzir com fidelidade o que fora apanhado junto aos nativos, levando-se em conta todos esses pormenores, soa apenas como mais um elemento de sua estratégia de convencimento junto ao seu possível público leitor – construir uma narrativa monológica. Talvez por isso mesmo, Whiffen se posiciona sempre na retaguarda como um observador que se diz honesto em sua avaliação, mas que, para traduzir alguns aspectos daquilo que presenciara enquanto elementos culturais e sociais, prefere alertar o leitor de que nem tudo pode, ou deve, ser traduzido com literalidade e exatidão – e assim a narrativa se constrói e o silenciamento ganha corpo.

Segundo ele, ao se referir às inundações que aquele pequeno mundo presenciara em sua história, não é difícil perceber que o ouvinte europeu, teologicamente preconceituoso e a favor de Noé, seja capaz de identificar as duas histórias (WHIFFEN, p. 344). Portanto, é mais provável que este viajante, em seus registros, esteja mais pendente para o lado defensivo das questões imperiais do que um mero especulador e despretensioso. Pois, nas entrelinhas daquilo que descrevera é fácil notar uma sutil vocação para confirmação do controle de uma Europa imperialista e com todo o seu poder transpassando as pequenas aldeias da periferia do mundo colonizado. Assim, ao tempo em que se desenvolve, a narrativa joga um jogo de duplo silenciamento, a saber: silencia-se o indígena colonizado e, também, a brutalidade e crueldade do colonizador e a transforma num fardo de resignação que carrega em suas costas para livrar o mundo da selvageria e da barbárie rumo à civilização.

4 AS MULHERES GUERREIRAS DE WHIFFEN

Desde a invasão da América, nas entranhas do século XVI, a Amazônia tem sido palco do espetáculo de narradores de todas as ordens, a maioria destes, responsáveis pela construção de uma visão relativa sobre a realidade nativa, em poucas palavras, de uma narrativa sobre o *outro*. Entre os grandes nomes que desenvolveram temáticas sobre a região estão Vicente Pizón, Diego de Lepe, Montaigne, Buffon, Montesquieu, Hobbes e Júlio Verne. Os britânicos,

Henry Bates, Alfred Russel Wallace, Louis e Elizabeth Agassiz, dentre outros. Reservados às suas particularidades e especificidades técnicas, cada um desses ensaístas e romancistas europeus ajudaram a criar um estereótipo da Amazônia aos moldes do que também fizeram a outras regiões do planeta, tais como África e Oriente Médio.

O imaginário europeu místico acerca da floresta amazônica trouxe fábulas, fantasias, monstrosidades, escatologia e também muito preconceito sobre todos os aspectos naturais. Assim, muitas foram as contribuições estrangeiras para a composição desta Amazônia aos moldes de narrativas espetaculares, construídas no imaginário de simbologias das terras medonhas, cercadas e povoadas por criaturas infames e predadoras. Muitos mitos e lendas europeias, de acordo com apontamentos de estudos feitos sobre os escritos de viajantes navegantes, receberam adaptações a partir de arquétipos ancestrais. Alguns destes, como a lenda das mulheres guerreiras, migraram para várias regiões do planeta. Sobre a Amazônia, essas histórias também foram contadas como justificativas de alguns fracassos das empreitadas dos descobridores. Em outras palavras, inventaram a Amazônia (GONDIM, 2007).

Um dos cronistas de viagem que transcreveu sobre as mulheres guerreiras da Amazônia foi Frei Gaspar de Carvajal. Esse cronista conta que durante as navegações, numa das expedições que participou, um grupo de mulheres, altas e brancas, atacou as embarcações com muita ferocidade. Elas tinham cabelos compridos enrolados na cabeça e andavam nuas praticando guerra. Ainda sobre os relatos de Carvajal, constam que essas mulheres não tinham maridos e tinham hábitos alheios às demais tribos indígenas, de modo que viviam em isolamento. Na literatura greco-romana há narrativas que se assemelham às mulheres guerreiras da Amazônia. Essas somente se relacionavam com homens para se engravidar e, após o parto, preservavam apenas a cria fêmea, treinando-a com as habilidades de guerreiras. Se fosse do sexo masculino, fatalmente seria sacrificado.

As Amazonas viviam numa região em torno do rio Termodonte, no Ponto, e eram um grande povo de mulheres que só faziam trabalhos masculinos. De suas crianças, só deixavam crescer as meninas. Frequentemente partiam para guerras e Hipólita, sua rainha, usava como sinal de seu poder um cinturão,

que ela mesma recebera como presente de Ares, o deus da guerra. (SCHWAB, 1994, p. 203).

Whiffen, ao relatar sobre os contos indígenas da região de Putumayo, apresenta seu cartão de visitas como integrante da escola imperialista ao disponibilizar fartas linhas sobre uma lenda sul-americana, uma das mais especuladas entre os viajantes. Porém, como ele reclama, nunca ouviu essa história entre os indígenas contatados.

Talvez precavido das tendências que já se anunciavam no início do século passado, sobre um tipo de narrativa com uma característica mais realista, destoando com a lenda das amazonas, Whiffen não tenha se aventurado a reafirmá-la. E neste aspecto, o viajante se mostra mais coerente e convincente que em momentos anteriores de seus relatos ao fazer transparecer um perfil mais realista em sua abordagem. E ele cita que Spruce, em relatos, fala de mulheres ajudando os homens a rechaçar um ataque contra uma maloca, mas nunca contara nenhuma história de qualquer mulher lutando ou que tivesse feito isso em algum momento (WHIFFEN, p. 345).

E é assim que *O Noroeste Amazônico*, capítulo XVIII, produz o aspecto simbólico a partir do imaginário nativo da região de Putumayo, na Amazônia sul-americana. O seu discurso, para melhor conceituá-lo, não deixa de ser concebido a partir da aparelhada escola imperialista que produz as verdades sobre os mundos subjugados. É possível aceitar o discurso de que a Inglaterra imperialista, e demais colonizadores europeus, inventaram a Amazônia, assim como também inventaram a África, Oriente Médio e demais realidades que em certos momentos históricos estiveram sob seus domínios. Thomas Whiffen é apenas um instrumento, consciente ou não, dessa indústria de produção cultural-ideológica. Uma indústria que dá voz ao narrador, por um lado e, do outro, silencia o *outro* e silencia a sua própria natureza. Podemos dizer que há um jogo entre cultura, imperialismo e, não necessariamente um orientalismo no contexto amazônico, mas nos atrevemos a dizer que um *outrismo* ou uma *outridade*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo passa, as eras se vão, mas a Amazônia ainda continua um objeto de análises, de debates, de reflexões. Na era colonial, neocolonial ou pós-colonial ainda suscita as mais acaloradas discussões. Isso ocorre cada vez que um tema novo ou uma obra mesmo antiga volta ao presente, como é o caso de *O noroeste amazônico*, que mesmo tendo sido publicado originalmente em 1915, sua tradução agora realizada pelo Dr. H. Rocha, reacende discussões, análises, reflexões. Não poderia ser diferente e não menos apaixonante. Não é anacronismo, pelo contrário, é repensar lugares, é rever posições, é pensar como narrativas podem construir diferentes tipos de silenciamentos culturais, seja contra o oprimido ou ocultando a opressão.

Este artigo buscou estabelecer uma conexão entre a obra de Whiffen (2019), finalmente traduzida para o português brasileiro – e por que não amazônica? – e uma leitura sobre *cultura e imperialismo* e a forma como o outro é visto, é imaginado, representado e narrado, a partir da perspectiva de Edward Said (1993; 1996). Consideramos que a leitura ou interpretação deste artigo não é uma anacronia, mas uma reflexão sobre como a construção de narrativas – como a que foi produzida por Whiffen ainda é atual – sobre como o *outro* é transformando em um ser mítico, imaginário ou mesmo destituído de humanidade, relegando-o ao plano da animalidade. “Sugeriu-se que tal nível de estagnação, a falta de iniciativa, em suma, de progresso, se deve à ausência de religião.” (WHIFFEN, p. 363).

A esse processo de narrativa está implícita uma forma de silenciamento cultural duplo, que por um lado silencia o narrado, destituindo-o da voz, da capacidade singular humana da fala, daquilo que talvez seja o diferencial entre a animalidade e a humanidade, a capacidade de expressar-se e falar sobre si mesmo. Por outro lado, silencia o lado perverso, brutal, avassalador do colonizador, daquele que perambula pelo mundo como um resignado, carregando em suas costas o fardo da civilização, como um Prometeus grego que vive para resignar os demais seres à sua imagem e semelhança. “O poder de narrar, ou de impedir que se formem outras narrativas, é muito importante para a cultura e o imperialismo, e constitui uma das principais conexões entre ambos”. (SAID, 1993, p. 5).

Dessa forma, o resultado de nossa reflexão sobre a obra de Thomas Whiffen e sua narrativa, com base na perspectiva crítica de Edward Said, identificamos uma estratégia

imperialista de um duplo silenciamento cultural que, por uma mão silencia-se a cultura de quem é narrado, rebaixando-o a um nível classificatório com critérios próprios em que uns são a excelência da elevação humana enquanto os *outros* são o retrato vivo da animalidade ou, no máximo, do mais baixo nível da espécie. Por outra mão, silencia-se a cultura de quem narra, a suas práticas etnocêntricas, sua violência física ou simbólica, seu desprezo por tudo aquilo que não lhe é familiar.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Celso. Apresentação. In: _____. (Org.). **Evolucionismo cultural**: textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- COTINGUIBA, Geraldo C.; PIMENTEL-COTINGUIBA, Marília Lima.; RIBEIRO, A. A. S. Cultura: uma abordagem sobre a origem do conceito. In: Nair Ferreira Gurgel do Amaral; Marília Lima Pimentel Cotinguiba; Sonia Maria Gomes Sampaio. (Org.). **Linguagens, identidades e pluralidade cultural**. Curitiba: CRV, 2015. p. 11-23.
- ECHEVERRI, Juan. La obra de Thomas Whiffen un siglo después. In. **O noroeste amazônico**: notas de alguns meses que passei entre tribos canibais. 1ª ed. Rio Branco/Acre: Nepan Editora, 2019. Tradução: Hélio Rocha.
- FIRMIN, Anténor. **De l'égalité des races humaines**: anthropologie positive. Paris: Librairie Cotillon, 1885.
- GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 2ª Edição. Editora Valer. Manaus, 2007.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. 10ª Edição. Série Princípios - Editora Ática, São Paulo, SP, 2000.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e história. In. **Raça e ciência** – vol. I. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970. pp. 231-270.
- MORGAN, Lewis H. **A sociedade primitiva**. Lisboa: Editorial Presença, 1973. Tradução Maria Hele Barreiro Alves. Vol. 1.
- MERQUIOR, José Guilherme. **O liberalismo** – antigo e moderno. Tradução Henrique de Araújo Mesquita. São Paulo: É Realizações, 2014.
- ROCHA, Hélio. Notas sobre o viajante, a obra e a tradução. In. **O noroeste amazônico**: notas de alguns meses que passei entre tribos canibais. 1ª ed. Rio Branco/Acre: Nepan Editora, 2019. Tradução: Hélio Rocha.
- ROCHA, Hélio R. da; COQUEIRO, João C. P. Os Bora e os Uitoto dos distritos dos rios Içá-Japurá aos olhos de um viajante britânico. In. **Revista Wamon**. V.4, N.1, Manaus, 2019.
- SAID, Edward. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. 1ª ed. Companhia das Letras, São Paulo – SP, 1996.
- _____. **Cultura e imperialismo**. 1ª edição. Companhia das Letras, São Paulo – SP, 1993.



SCHWAB, Gustav. **As mais belas histórias da antiguidade clássica:** Os mitos da Grécia e de Roma. 5ª ed. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro – RJ, 1994.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia.** 1ª ed. Editora Valer, Manaus – AM, 2009.

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive culture:** researches into the development of mythology, philosophy, religion, language, art, and custom. London: John Murray, 1920. Vol. I.

WHIFFEN, Thomas. **O noroeste amazônico:** notas de alguns meses que passei entre tribos canibais. 1ª ed. Rio Branco/Acre: Nepan Editora, 2019. Tradução: Hélio Rocha.